

Discurso de saudação ao bibliófilo e imortal José Mindlin

JOSÉ AUGUSTO BEZERRA*

Em um dos seus mais admiráveis quartetos, Olavo Bilac, o celebrado cantor da Via Láctea, dizia:

Olhai estas velhas árvores, mais belas
do que as árvores mais novas, mais amigas,
tanto mais belas quanto mais antigas,
vencedoras dos anos e procelas...

Assim deveria dizer também dessa Instituição centenária, tanto mais bela quanto mais antiga, vencedora dos anos e das procelas. O mobiliário do recinto que nos acolhe pertenceu à Assembléia Provincial desta cidade. As paredes do casarão solene, cheias de quadros, deixam ver a nossa história através deles. O retrato mais ao alto – o do Barão de Studart – neste ano em que se comemoram cento e cinqüenta anos do seu nascimento, parece-nos dizer que a mais antiga entidade cultural da nossa terra – a velha árvore, plantada por ele e alguns outros – continua forte e generosa.

Começo as minhas palavras relevando a figura do seu atual presidente – Dr. Eduardo Campos.

Esse homem invulgar, que honra a literatura, as artes, a vida pública e a vida privada, do estado e de além-fronteiras, tem-se notabilizado pela coragem, ousadia e tenacidade com que procura transformar sonhos em realidades. Em seu nome cumprimento a mesa diretora, os confrades e as demais personalidades que conosco escrevem mais uma página dessa declaração de amor à nossa terra - o Instituto do Ceará, Histórico, Geográfico e Antropológico.

* Sócio efetivo do Instituto do Ceará.

Tenho a missão de saudar uma lenda viva do nosso tempo, Dr. José Mindlin, o príncipe dos bibliófilos do nosso país. Um homem que se não existisse, também não poderia ser inventado, pois é produto de uma conjugação de fatos e acontecimentos, que só os insondáveis mistérios do destino são capazes de produzir.

Na realidade, até o título de sócio-honorário do ano do sesquicentenário do Barão, que lhe é outorgado, é incomum, pois une duas pessoas, distantes nascidas, que se foram aproximando, através de gostos e sonhos semelhantes, para, em determinado momento histórico, no tempo e no espaço, tocarem-se, de uma forma honorífica, que enobrece a ambos.

O Dr. Mindlin poderia ser analisado como um vencedor em todo os campos por onde passou. Como repórter, advogado, empresário, militante pelos direitos humanos, homem público, escritor, editor, pai de família e, de modo particular, como bibliófilo.

Ao ser eleito, basicamente por unanimidade, para a Academia Brasileira de Letras, recebe o coroamento pelo trabalho na área de literatura, que o consagra e abre novas vertentes, para pessoas e entidades, como nosso Instituto, que laboram em prol da preservação da memória cultural.

A imagem mágica do momento inicial, quando o menino de treze anos adquiriu o primeiro livro raro, está preservada apenas nas retinas dos seus olhos. Sabemos apenas, que a partir de então e pela vida afora, continuou lendo, de seis a oito livros por mês, e acumulando, uma após outra, obras raras. Era o profeta que recriava o passado para conceber o futuro.

Nessa caminhada, achegaram-se-lhe figuras notáveis, como Rubens Borba de Moraes e Luiz Camillo de Oliveira Netto, companheiros de idéias e garimpagens, que o seguiram juntos pelo tempo.

A última publicação acerca dos destaques da Biblioteca de Guita e José Mindlin, da EDUSP/ FAPESP / Edições Biblioteca Nacional, considerada a mais importante obra de bibliofilia já feita no Brasil, mostra os frutos desse trabalho que, a partir daquele primeiro livro, transformou-se no maior acervo particular de obras raras da América Latina, e um dos maiores, senão o maior, de Bra-

siliana, no mundo. O nome do Dr. Mindlin, então, transformou-se em sinônimo de amor aos livros.

Nesse ponto, Dr. Mindlin, gostaria de destacar que o Instituto do Ceará procura seguir a sua linha de raciocínio, ao restaurar e preservar documentos e livros raros, como a correspondência de Capistrano de Abreu, do Barão de Studart e o acervo de Eurico Facó, além de disponibilizar para entidades culturais, em todo o país, dez mil cópias em CD's dos cento e vinte seis números das Revistas do Instituto do Ceará, pois embora a entidade tenha cento e dezenove anos, publicaram-se sete números especiais.

Mais ainda, prepara-se para construir o Museu de História Barão de Studart, investimento de meio milhão de reais, com o apoio de um desses raros homens que sabem que, pela educação e cultura nos salvaremos, o empresário Ivens Dias Branco. A implantação do projeto colocará o Instituto na vanguarda dos congêneres brasileiros.

Feitas tais considerações, necessárias, quero retornar ao nosso homenageado, para dizer que apesar de todas suas grandes realizações, pessoalmente, considero que a maior conquista, a demonstração maior do seu carisma, o que lhe abriu as portas para tudo o mais, ocorreu no dia em que disse a D. Guita, na Faculdade, em meio a um grupo de alunos que debatiam política, que ele era o melhor partido para ela, e a jovem acreditou. Foi a primeira e mais importante vitória!

Ao longo de sessenta e oito anos de um feliz casamento, provou a Dona Guita que lhe dissera a verdade. Durante esse tempo viveram o paraíso de estarem lado a lado, abriram uma trilha por onde outros nunca haviam passado e deixaram a sua marca.

Embora há pouco Dona Guita tenha deixado de estar ao seu lado, fisicamente, ele vem ao Ceará, acompanhado da sua filha, a antropóloga e escritora Dra. Betty Mindlin, seja para espairecer um pouco o seu pesar, seja para dar apoio à causa do livro – ideal que era comum ao casal, seja para provar a sua família que o General Douglas MacArthur tinha razão, em 1945, quando dizia “Jovem é aquele que pergunta como a criança insaciável: e depois? Que desafia os acontecimentos e encontra alegria no jogo da vida. Ju-

ventude, portanto, é uma qualidade da imaginação, uma vitória da coragem sobre o medo. Do gosto da aventura sobre o amor ao conforto. E o homem será sempre tão jovem como a sua fé, a sua confiança e a sua esperança”.

O Dr. Mindlin é esse espírito bem-humorado, que descobre, sempre, a forma descontraída de falar sobre os mais variados assuntos. Jatobá da floresta, tão alto, que em suas frondes, por vezes, repousam as próprias nuvens.

Nós, bibliófilos, criamos uma medalha com o nome dele, antes que outros o fizessem e antes que a Academia Brasileira de Letras o elegeisse, pois aquilo que se-lhe tornou um direito, ao ser chamado de imortal, para nós já era um fato.

Os bibliófilos cearenses também estão aqui, nesta homenagem, Dr. Mindlin, e esperamos fazer uma comitiva para sua posse na ABL, no mês de outubro.

Ao terminar a saudação, lembro-me de velha história, contada com gravidade, pelos oásis do Saara.

Falava de alguns viandantes que cavalgavam no deserto, em noite escura, e foram surpreendidos por uma voz que vinha dos céus e lhes dizia para descer das montarias, apanhar o que pudessem e sair, pois não teriam outra oportunidade.

Nervosos, apavorados mesmo, obedeceram. Desceram e saíram tateando o chão. Na escuridão acharam apenas pedras e areia, suas velhas conhecidas. Apanharam algo e fugiram o mais rápido que puderam.

Ao clarear do dia vieram a observar que as pedras eram preciosas – brilhantes, rubis, esmeraldas - e a areia, ouro fino. Uns ainda tentaram voltar, mas as dunas do deserto, movediças, sem pegadas e na escuridão, jamais deixariam saber o local exato por onde estiveram.

Apenas um deles, mais tranqüilo e curioso, guardara o maior número de pedras que pudera e enchera a mochila de areia. Nada disse aos outros e, voltando para a sua cidade, foi, vagarosamente, transformando o achado em palácios e obeliscos, até se tornar um dos homens mais ricos e importantes do Reino.

O Dr. Mindlin tem sido um desses viandantes eleitos. Ao ouvir algo como uma voz interior, obedeceu-a – pois a palavra vocação, que vem do latim, quer dizer, justamente, chamado.

Atendendo o chamado, veio recolhendo as pedras – nesse caso, os livros, também preciosidades – e com eles, paciente-mente, por quase oitenta anos, construiu uma biblioteca monumental que, de fato e de direito, o imortalizará, principalmente agora que a doou à Universidade de São Paulo, e servirá de referência pelos séculos adiante.

Creemos então, que após fazermos tais reflexões sobre pessoas como o Dr. Eduardo Campos, Dr. José Mindlin e o próprio Instituto do Ceará, podemos concluir as palavras de Olavo Bilac, com que iniciamos essa saudação, as quais terminavam dizendo:

Não choremos, amigo, a mocidade!
Envelheçamos rindo! envelheçamos
Como as árvores fortes envelhecem.

E podemos assinalar que o nosso homenageado, aos noventa e dois anos, continua a perguntar: e depois?

